

motivando os alunos a buscar os conhecimentos vividos pelos nossos sábios.

Buscamos usar essa forma de trabalhar em sala de aula para ampliar os conhecimentos dos alunos engajados no teatro, alunos de outras turmas, pessoas das comunidades e servidores em geral da escola, lembrando o saber tradicional de acordo com a realidade local.

Orientamos os alunos a valorizar os nossos costumes tradicionais e como fazer o uso consciente das tecnologias.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



**FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES
INDÍGENAS – FIEI – HABILITAÇÃO CIÊNCIAS DA VIDA
E DA NATUREZA**

Genilson Alves dos Santos

Maria da Paixão do Nascimento

**USANDO AS ARTES PARA CONSCIENTIZAÇÃO E
SENSIBILIZAÇÃO DO USO DAS NOVAS
TECNOLOGIAS**

Belo Horizonte
2019

Genilson Alves dos Santos
Maria da Paixão do Nascimento

**USANDO AS ARTES PARA CONSCIENTIZAÇÃO E
SENSIBILIZAÇÃO DO USO DAS NOVAS
TECNOLOGIAS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciando(s) no Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas – Área de Ciências da Vida e da Natureza.
Orientadores: Marcos Vinicius Bortolus (Escola de Engenharia-UFMG) e Josiley Francisco de Souza (Faculdade de Educação-UFMG).

Belo Horizonte
2019

Brejo Mata Fome e José de Araújo Souza da aldeia Imbaúba.

Para realizar o trabalho foram gravadas entrevistas em áudio com posteriores transcrições em forma de poemas, respeitando a origem linguística (dialeto) do Povo Xakriabá.

Optamos em desenvolver os poemas na realização desse trabalho porque é uma forma de expressar a arte descrevendo as técnicas do fazer e desfazer.

Foram realizados dois teatros na Escola Estadual Indígena Bukimuju lembrando os conhecimentos ancestrais de como os nossos sábios previam o futuro da nova geração, em relação às mudanças tecnológicas em todo o Território Xakriabá.

Tentamos passar todos os conhecimentos adquiridos nas entrevistas com as pessoas citadas acima, em forma de peças teatrais

Hoje o modo de trabalhar, de fazer artesanatos, de construir casas, meio de sobrevivência, meio de locomoção e meios de comunicação foram todas modificadas através do emprego de novas tecnologias no território. Decidimos fazer o uso das artes para conscientização nos modos de usar as novas tecnologias. Começamos a descrever as nossas entrevistas usando o poema que é um jeito próprio dos Xakriabá, se expressar, através das rimas, passarem os conhecimentos, para as novas gerações.

Esse trabalho foi feito a partir de entrevistas realizadas com alguns anciões da Terra Indígena Xakriabá: o Sr. José Fiúza da Silva, 68 anos, residente na aldeia Itapicuru, Sr. Otavio Ferreira do Nascimento, 57 anos, residente na aldeia Riacho do Brejo, o Sr. Antônio Gomes de Oliveira, 64 anos, residente na aldeia

AGRADECIMENTO DE GENILSON ALVES DOS SANTOS

Agradeço a Deus por ter me dado saúde força e sabedoria para superar as dificuldades.

A minha mãe Maria José Pereira dos Santos Barros por ter me dado apoio durante os meus estudos na UFMG

Ao meu pai Alvino Alves de Barros por incentivar sempre durante a construção do meu tcc.

Aos meus irmãos que contribuíram com este trabalho, por ter ajudado a todos os momentos durante o período que eu estava para o curso.

A todos os meus familiares que me ajudou de forma direta e indireta para a construção deste trabalho.

AGRADECIMENTO DE MARIA DA PAIXÃO DO NASCIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado saúde, inteligência e força para conseguir finalizar essa jornada na qual para chegar até aqui tive que enfrentar vários desafios que pra mim achava impossível, mas com a força de Deus consegui alcançar esse objetivo.

Agradeço meu sogro, meus irmãos, cunhadas e cunhados por ter ajudado cuidar dos meus filhos quando estava no curso.

Agradeço a minha mãezinha Rosa Gomes de Oliveira por ter me aconselhado, falando que eu era capaz nas horas que pensava em desistir. Ao meu pai Otavio Ferreira do Nascimento que me incentivou em continuar e contribuiu bastante na entrevista realizada com ele.

Agradeço o meu esposo Rogério Gomes de Oliveira que cuidou dos nossos filhos na minha ausência durante essa caminhada e me deu apoio nas horas mais difíceis, me incentivou á não desistir quando achava que não ia conseguir.

Introdução

O Território Indígena Xakriabá - TIX localiza-se no Município de são João das Missões no Norte de Minas Gerais abrangendo uma área de 46 mil hectares, demarcada no ano de 1987. Existe outra área correspondendo um total de 6 mil hectares, que é a terra indígena de Rancharia. Além disso, existe outra área de 46 mil em processo de homologação.

Com aproximadamente 11.000 mil habitantes. (Fonte: www.funai.gov.br, 10/09/2018) Com o crescimento da Terra Indígena Xakriabá várias tecnologias foram surgindo e com isso os impactos foram grandes, as mudanças no modo de sobrevivência e nas nossas tradições foram inevitáveis. Ela chegou trazendo seus pontos positivos e seus pontos negativos.

Esperamos que este material possa ser transformado em livro para ser trabalhado na sala de aula com os alunos. E não só na nossa escola, mas que possa ser disponibilizado para outras escolas indígenas para que venha contribuir no aprendizado dos alunos, além disso, vai auxiliar os professores a desenvolverem suas atividades.

Este material servirá de auxílio para as pessoas, no convívio com as tecnologias, não deixando que elas venham intervir nos costumes e tradições do nosso povo.

Agradeço os meus filhos Renilson Gomes do Nascimento, Larissa Hiãnohãny Nascimento de Oliveira e Rikelmy Nascimento de Oliveira que conseguiram suportar a minha ausência durante a permanência no curso.

AGRADECIMENTOS GERAIS

Agradecemos aos entrevistados o Sr. Otávio Ferreira do Nascimento, Sr. Antônio Gomes de Oliveira Sr. José Fiúza da Silva e José de Araújo Souza, que com os seus jeitos simples nos repassaram sabedorias que vai ficar na memória pra sempre.

Agradecemos caciques e lideranças Xakriabá por ter lutado incansavelmente para conquistar e defender a nossa permanência nesse espaço que hoje ocupamos na UFMG.

Agradecemos esta universidade, a UFMG e seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje contemplamos um novo horizonte, pela centrada confiança nos méritos e ético aqui presente.

Ao orientador Marcos Vinicius Bortolus e Josiley Francisco de Souza pelo suporte no pouco tempo que lhes coube pelas suas correções, incentivos e firmeza nos propósito do objetivo de realização de um trabalho de qualidade com resultados satisfatórios.

E a todos que direta e indiretamente fizeram parte da nossa formação, como as lideranças da reserva indígena Xakriabá e os entrevistados, o nosso muito obrigado.

Agradecemos aos nossos colegas Pataxós, Pataxó Hãhãhãe, Guarany e Xakriabá pelo tempo que passamos juntos, por ter nos fortalecidos nos momentos de dificuldades.

A todos o nosso muito obrigado.

Prefácio

Grandes modificações ocorreram nas últimas décadas no território indígena Xakriabá e através deste trabalho pretendemos chamar a atenção das pessoas para estas mudanças, em termos do seu lado bom e dos malefícios. Procuramos Incentivar as pessoas a fazer uso adequado e aproveitar, de modo que venha contribuir para a melhoria das nossas aldeias.

Assim, o nosso objetivo é sensibilizar e conscientizar os alunos e pessoas da comunidade através das artes especialmente poema e teatro, sobre os impactos das tecnologias na aldeia.

Identificar através dessas artes os impactos positivos e negativos que as tecnologias trazem para o território.

Mostrar a arte nas construções das casas dos nossos antepassados.

estavam adormecidos. Tanto nós aprendemos, como percebemos que os alunos aprenderam muito, e que a atividade despertou o interesse deles a aprender mais sobre essas tecnologias. Concluimos que é interessante trazer os conhecimentos dos mais velhos para ser trabalhado em sala de aula para ampliar o conhecimento dos alunos.

Palavras – Chaves: Resgate, Cultura, Conscientização e Orientação.

Sumário

Conteúdo

| | |
|---|----|
| Prefácio | 11 |
| Introdução | 13 |
| CAPÍTULO 1 | 17 |
| 1.1 Como eram as casas de antigamente? | 17 |
| 1.2 Visita na gruta da Aldeia Imbaúba I no dia 12 de Julho de 2018 | 21 |
| 1.3 Moradias de antigamente | 23 |
| CAPÍTULO 2..... | 47 |
| 2.1 Conscientizações sobre os meios tecnológicos em sala de aula na Escola Estadual Indígena Bukimuju na Aldeia Brejo Mata Fome. | 47 |
| Capitulo 3..... | 75 |
| 3.1 Energia, eletrodomésticos, TV, impacto e transformações. | 75 |
| | 96 |
| 3.3 Meio de comunicação | 96 |
| Capitulo 4 | 98 |

| | |
|---|-----|
| Os meios de transportes e modificações no território Xakriabá | 98 |
| Capítulo 5..... | 110 |
| 5.1 Manejo da terra | 110 |

Resumo

Grandes modificações ocorreram nas últimas décadas no território indígena Xakriabá e através deste trabalho pretendemos chamar a atenção das pessoas para estas mudanças, em termos do seu lado bom e dos malefícios. Nosso objetivo com esse trabalho foi sensibilizar e conscientizar os alunos e pessoas da comunidade através das artes especialmente poema e teatro, sobre os impactos das tecnologias na aldeia. Identificar através dessas artes os impactos positivos e negativos que as tecnologias trazem para o território. Realizamos entrevistas com alguns anciões da Terra Indígena Xakriabá das aldeias Itapicuru, Riacho do Brejo e Brejo Mata Fome. Essas entrevistas foram transcritas em forma de poemas respeitando a origem lingüística dos entrevistados. Realizamos também dois teatros na Escola Estadual Indígena Bukimuju para retratar os impactos causados pelas tecnologias. Com o desenvolvimento desse trabalho conseguimos perceber que ele veio despertar caixinhas de conhecimentos que

Ao planejar fazer uma casa
Tirava a cobertura num ano para no outro construir
As matas virgens não faziam faltas
Sempre tinham as madeiras necessárias aqui

As casas que não eram cobertas de cascas
De capim sapé dos brejos eles cobriam
As paredes eram sempre envaradas
De madeira, cipó e barros eles faziam.

Na ausência do capim sapé
A tabua dos brejos também era usada
Pela falta de madeira específica que tinha
Depois que a nossa floresta foi desmatada

O uso dessas coberturas
Dependia também de onde as pessoas moravam
Aquela que era encontrada mais próximo
Era a que eles utilizavam

Ele explicou durante a fala
Que nessas casas as portas eram de varas
Que era tirada ali na mata
E com essas não se compara

Disse uma frase muito linda
Que “era uma casa sem segredo”
Eram construídas pelos próprios donos
E nela ninguém tinha medo

Esses mesmos construtores
Usavam suas próprias inteligências
O material que tinha era uma corda
Que era usada com muita paciência

CAPÍTULO 1

1.1 Como eram as casas de antigamente?

Autores: Genilson e Maria da Paixão

Das moradias anteriores

Agora vamos falar
Os nossos mais velhos
Não tinha casas pra morar

Moravam em grutas
Dentro da nossa floresta
Não permanecia em um só lugar
Diziam assim não presta

As suas permanências em um espaço
Dependia da alimentação
Quando ficava escasso
Mudava de região

Os alimentos que mais utilizavam
Era a pesca e a caça
Alimentava de frutas e raízes
Retirava só as casca

Vários animais de caça
Aqui vamos registrar
Era usada sua sabedoria
Para eles alcançar

Existia tatu, mixila, barbado
E tamanduá bandeira
Para fazer armadilhas
Usava apenas madeira

O teiú, a paca, a preá e a cutia.
Também eram utilizada
Atualmente ficou difícil
Porque a natureza esta desmatada

De uma das nossas caças
Não poderia esquecer
Pois ele era caçado em um dia
Pra no outro dia comer

É o catingueiro
Que aparece no anoitecer
Ele alimenta de tamburi
E esconde no amanhecer

Os peixes que aqui tinham
Era a piaba, traíra, bague e piau
Quando os poços estavam secando
Nós mexiam com gaio de pau

O mais utilizado era tamburi
E logo virava mingau
E os peixes começavam beber ali
A água que pareciam coloral

Entre as raízes que eles comiam
Estava o mamãozinho
O umbu e a batatinha do mato
Cozinhado com carinho

Além de comer cozido
Pode fazer um docinho
Suas raízes são compridas
Pra rancar que era sofrido

O Sr.Otavio Ferreira do nascimento
*Foi uma das pessoas entrevistadas
No dia 25 de agosto de 2017
Essas informações foram passadas*

Ele nasceu no dia 20 de novembro de 1959
Na aldeia sapé onde seus pais moravam
Mudou para a aldeia brejo mata fome
Que para pegar capim sape era ali que eles passavam

Depois mudou para a Aldeia Riacho do Brejo
Que é onde ele está
É o lugar onde sua esposa foi nascida
E os seus descendentes são todos de lá

Ele relata sobre as casas de antigamente
Dentro do seu conhecimento
Onde vamos relatar através desses versos
Um pouco do seu do seu entendimento

As casas mais antigas
De casca de podarco do mato eram tampadas
Que eram tiradas de novembro a dezembro
Porque nessa época eram as águas

No período desses dois meses que estava inverno
Eles saíam nas matas à procura dessa madeira
Quando encontrava tirava a casca e riscava no meio
Tirava colocava no chão e imprensa com madeira para fazer a telha

Quando não estava chovendo
As cascas ficavam agarradas
Já no período chuvoso
Elas ficavam descoladas

Os versos é a descrição de uma entrevista realizada com o Senhor Antônio onde ele relata as experiências vividas durante seus anos de vida e explica como ele fazia a sua casa, como eram os modelos utilizados, ele faz uma breve reflexão da sua experiência com as tecnologias que foram entrando no nosso território, foram acontecendo várias mudanças no meio de convivência do povo Xakriabá, de suas moradias, no modo de fabricação de artesanatos e novas ferramentas foram aparecendo para auxiliar nas construções de casas.

1.4 Moradias de Antigamente

Poema produzido a partir de entrevista realizada com Sr. Otavio Ferreira do Nascimento, da Aldeia Riacho do Brejo, no dia 25 de agosto de 2017, às 15h

As frutas utilizadas
Era natural da catinga e do cerrado
Entre eles o maracujá de boi
E o maracujá de veado

Se consumir em grande quantidade
A pessoa fica embriagada
Sem guentar levantar
Pois fica desgovernada
Com tanta ança de vomito
A pessoa fica agoniada

O grão de galo e a cabeça de nego
São encontrados no Gerais
Além dessas citadas
Existem muito mais

Focando nas moradias
Agora vamos explicar
Das que foram construídas
No território Xakriabá

Usavam as madeiras
Aqui do nosso lugar
Sem precisar sair da aldeia
Para material comprar

Para fazer a cobertura
Usava palha de coco e buriti
Para isso acontecer
Não precisava sair daqui

A casca de pau darco
A piteira e o capim
Também era usado
E era muito facim

Hoje alguns desses materiais
Não encontra mais aqui
Esta tudo mais difícil
Desse modo construir

As portas dessas casas
Não eram feita por carpinteiro
Só encostava umas varinhas
Ou tampava com casqueiro

Não conhecia uma moeda
Antes da chegada dos fazendeiros
Logo que eles aqui chegaram
Passaram a conhecer o dinheiro

Com a tabua faz cobertura
Com a paia de banana parede e esteira
Sem esquecer que em muitas delas
Estava presente a piteira

Essas eram moradas antigas
Com o passar do tempo foi mudando
Com a chegada dos brancos
Aqui foi civilizando

Para ter mais segurança nas casas
De enchimento começaram a construir
Ate portas de madeira
Em algumas moradas começou a existir

A vivencia era tão boa
Dava prazer em existir
Com o passar do tempo
Os brancos começaram a nos perseguir

Só na época das águas
Que dentro de casa iam dormir
Espalhava esteira pra todo lado
E todos descansavam ali

Os nossos mais velhos
Sempre tem um dizer
Deus da o frio conforme a cobertura
E ele cria com prazer

Só na época das águas
Que dentro de casa iam dormir
Espalhava esteira pra todo lado
E todos descansavam ali

Ele disse que tinha um costume
Que foi difícil de largar
Reunia todos os homens próximos
Durante a noite na mata iam andar

Muito longe das suas casas
Sendia fogueira e ia deitar
Conversava a noite inteira
Só no outro dia que ia retornar

Essa era uma rotina
Que tinha prazer em acontecer
Todos os homens ficavam sabendo
Do que o outro tinha pra dizer

Terminamos essa entrevista
Por aqui vamos parar
Essa foi uma transcrição
De Genilson e M^a da paixão Xakriabá

Era vendido para fora
Enriquecer começaram
As matas virgens que nós tinha
Com tudo eles acabaram

Começaram a desenvolver
Com a exploração de madeira
Enquanto eles enchiam a barriga
Nós sofriamos sem a feira

Por não existir médico na aldeia
O nome das doenças nós não sabia
Se morresse alguém
Nos nem imaginava o que tinha

Na época das casas antigas
Dormia mais era fora da casa
Ao redor do fogo no terreiro
A contar historias sempre estava

Era muito divertido
Os sábios colocavam os papos em dia
Enquanto as crianças cantavam roda
Com os parentes se divertia

Os vizinhos ali mais próximos
Reuniam em uma só casa
Conversava ate madrugada
Os mais novos eles ensinava

O motivo de dormir mais fora de casa
Era pela quantidade de filhos
A casa era muito pequena
E não cabiam os meninos

Na hora de construir as casas
Na arquitetura não caprichavam
Porque em pouco tempo
Daquela casa eles mudavam

Mesmo estando em nossas terras
Os nossos mais velhos tinha que fugir
Pois eram mortos por fazendeiro
Aqueles que pensavam em resistir

1.2 Visita na gruta da Aldeia Imbaúba I no dia 12 de Julho de 2018 Transcrição da entrevista com José de Araújo Souza.

De uma visita muito rica
Agora vamos falar
Da gruta da aldeia Imbaúba I
Que no dia 12 de Julho fomos visitar

Tínhamos conversado com José
Se ele podia nos mostrar
Ele aceitou o convite
Chegando lá ele veio logo a falar

Contou uma história
Que os mais velhos tinham contado
Do sufoco por eles vivido
E do que eles já tinham passado

A nossa nhãhá Patu
Dentro de uma gruta teve que esconder
Ela estava de resguardo
E escondeu pra não morrer

Ficou ali por trinta dias
Com a filha Maria nos braços
Escondido dos invasores
Que só queriam fazer fracasso

Essa gruta foi à salvação
De muitos xakriabás
Aqueles que não conseguiam fugir
O capitão com os capangas perseguiam até matar

Matava sem pena e sem dó
Até as crianças não conseguiam escapar
Eles jogavam elas para cima
E na ponta do punhal ia aparar

Eles chegavam fazendo baderna
Queria que os índios desocupasse
Querendo ser dono da terra
Sem deixar nenhum pedaço

Além de maltratar as mulheres
Muitas delas eram matadas
Além de verem seus filhos sendo mortos
Elas também eram violentadas

Os homens que eles alcançavam
Eram todos acorrentados
E tinha que ajudar eles escorraçar
Com aqueles que estavam arranchados

Os homens que corresseem
Eram mortos na mesma hora
Eles matavam muita gente
E depois iam embora

As madeiras foram acabando
Estou falando a verdade
Quem quiser construir
Tem que compra na cidade

Com a construção dessas casas
Muitas doenças foram desaparecendo
Só de um tempo pra cá
Outras diferentes estão aparecendo

Sr. Antônio confirmou
Que tem saudade da sua casinha
Gostava mais da casa antiga
Porque era mais fresquinha

O povo da aldeia
Sabiam controlar
Derrubava um pedaço da mata
Pra muitos anos ali plantar

Sem fazer exagero na natureza
Estava sempre a respeitar
Era feito desse jeito
Pra poder não desmatar

Com a chegada dos não índios
O desmatamento exagerou
Desmatava um grande espaço
Só no lucro eles pensou

Criava bastantes animais
Pastos começaram fazer
Sem contar os alimentos que plantava
E pagavam pra colher

As de antes eram mais fresca
Existia uma grande diferença
Só que pra quem pode fazer
As casas de hoje compensa

Evita de muitos perigos
Porque tudo hoje mudou
Não podemos confiar em nada
Porque o mau costume chegou

Com as moradas antigas
Pessoas doecia com mais facilidade
Pelo acumulo de insetos
Não importava as idades

Os insetos que estou falando
Era percevejo, barata e o barbeiro.
Sem falar do monte de pulgas
Que espalhava ate no terreiro

O percevejo é um inseto
Que parece um carrapato
Esconde nas rachaduras das paredes
Acho que ele vem do mato

Na época dessas moradias
As crianças eram mais atingidas
Elas dormiam durante a noite
Amanheciam todas mordidas
Muitos não aguentavam o baco
Daquela vida sofrida

Esses bichos foram desaparecendo
Com a passagem dos borrifador
Eles passavam de veis em quando
Foi ai que melhorou

Depois de alguns dias
Eles tornavam voltar
O nosso povo tinha que ficar atento
Pra esconder antes deles se aproximar

Eles escondiam nessa gruta
E estava sempre a vigiar
Só retornava para suas residências
Depois que os invasores saiam de lá

Nhônhô Fostino era o vigia
Ele ficava a observar
Só ele percebia a diferença
E ia devagazim olhar

Escorraçaram muitos moradores
Que até hoje não conseguiu voltar
Não sabemos informar
Onde eles foram parar

Nessa gruta tem várias pinturas
Que pelo nosso povo hoje é utilizado
Em alguns lugares podemos perceber
Aquilo que por eles eram usado

Existe tição e cinza
Onde era feito alimentação
Tem também armadilhas
Que faz parte da tradição

1.3 Moradias de antigamente

Poema produzido a partir de entrevista realizada com o Sr. Antônio Gomes de Oliveira, da Aldeia Brejo Mata Fome, no dia 25 de agosto de 2017, às 14h, na sua casa.

No dia 25 de agosto
Na sua casa fomos pesquisar
Pedimos pra ele falar o nome e a idade
Pra poder registrar

Ele nos respondeu
65 anos vou completar
Nasci no dia 15 de janeiro
E começou a informar
Que desde sua infância
Já tinha casa pra Morar

Disse que é do ano de 1954
E falou sobre o que conhecia
As casas eram de enchimento
Onde todos sobrevivia

Nós tirávamos casca de podarco
Para nossas casas cobrir
Outros usavam capim sapé
Que era natural daqui

A tabua era menos usada
Porque menos tempo durava
A preferência era o capim sapé
Que todos aqui usavam

Disse que com a sua mãe
Numa casa de enchimento ele morava
Tampada com capim sapé
As paredes eram embarriadas

Outros usavam piteira
Para as paredes tampar
Outros iam para os brejos
Para paia de banana tirar

Enfiavam dentro das paredes
Tranqüilos podiam dormir
Não tinha nem um perigo
Ninguém vinha nos perseguir

As portas eram feitas de varas
Não existiam portas feitas por carpinteiros
Ninguém sabia fazer
Antes da chegada dos fazendeiros

As casas de antigamente
Era melhor pra morar
Só era muito perigoso
De pegar fogo e queimar

De vez em quando isso acontecia
A família tinha que trabalhar
Pra construir outra casa
Por que no tempo não podia ficar

As que eram feitas de enchimento
Tem diferença das de adobro
A quintura aumenta muito mais
Principalmente as de tijolos

As casas que moramos hoje
Para morar e muito melhor
Só que em comparação
Faz tanto calor sem dó

aula fizemos uma abordagem e reflexão para os alunos sobre o bem e o mal causado pelo uso exagerado dos meios tecnológicos principalmente o celular que estava prejudicando eles na escola. A partir daí propomos para eles a ideia de montar uma peça teatral, em primeiro momento ficaram indecisos, mas depois aceitaram a proposta. Pedimos para eles montarem o roteiro e criar os personagens, deixamos a vontade, por último decidiram que nós mesmos montássemos. Então criamos uma história, sendo os personagens pais, filhos, diretora, professora e alunos. Apresentamos para eles a história, gostaram muito e concordaram. A partir desse dia iniciamos os treinamentos com interpretação e fala de cada um dos personagens.

Foram realizados vários treinamentos, houve momentos que os alunos disseram que não iam conseguir fazer a apresentação, mas no fim deu tudo certo. Convidamos o Coordenador Pedagógico Wilson de Oliveira Bezerra e a Supervisora Poliana

Esquadrejava o formato da casa no chão
E uns tornos de madeira eles batiam
Depois das madeiras cortadas
Os buracos eles abriam

As madeiras para serem usadas
Tem que escolher antes de cortar
Não cortar de qualquer qualidade
Pois a casa logo danificara

Os esteios, os caibos e as linhas.
Não podem ser tirado de madeira branca
Esses tipos de madeiras estragam com rapidez
Após uns cinco anos que levanta

Elas devem ser retiradas
De madeira que tem cerno
De aroeira, braona, moreira e podarco.
Só aquelas retas, que as tortas não serve

De imbiriba, angirco preto, jurema e Itapicuru
Catinga de porco e jacarandá
Todas elas também e recomendável
O serno presente nelas está

De todas essas citadas
A aroeira é a preferência
Tem que tirar no tempo certo
E obedecer a ciência

O resto de madeira necessária para a construção
De qualquer madeira pode ser retirada
Só obedecer às fases da lua
Que a casa vai ficar conservada

Retirar depois de oito dias após a lua nova
Porque na minguante pode furar
E depois de estragada
Não adianta reclamar

Não pode tirar madeira torta
Para as paredes não entortar
De vários tipos de cipó usados
Agora aqui vou falar

Os cipós usados nessas construções
É o cipó branco, o bugí que são muxibentos
E o cipó de lagartixa e o são João
Que são indicados nesses momentos

O tempo indicado para fazer casas
É na época da seca
Que na época das águas
É época de planta e colheita

Os meses indicados
É de fevereiro até setembro
Nos outros meses costuma chover
Principalmente em dezembro

Naquele tempo as casas pra nós eram boas
Era o modelo, as condições que nós tinha de fazer
E a felicidade era tão grande
Quando essa casa singela nós conseguia ter

Ele disse que a sua primeira casa
Foi feita de esteios, coberta de tabua e sapé
Disse que durante a sua infância
Morou na aldeia sapé

CAPÍTULO 2

2.1 Conscientizações sobre os meios tecnológicos em sala de aula na Escola Estadual Indígena Bukimuju na Aldeia Brejo Mata Fome.

1º Teatro

No início do ano de 2017 pensamos em fazer um trabalho com uma das turmas do ensino fundamental II para tentar incentivar os outros alunos porque já estava ficando prejudicados por ficar nas redes sociais no horário da aula. Muitos vinham para escola e passavam a maior parte do tempo utilizando o celular no pátio. Através da autorização da diretora da escola decidimos fazer um trabalho de conscientização de como utilizar os aparelhos tecnológicos no espaço escolar.

Após todas as conversas decidimos conversar com a turma 8º ano B, chegando à sala de



Casa rebocada, pintada e com piso de cerâmica.

A diferença da tabua e o sapé
É o segredo na hora de cobrir
Cada um é de forma diferente
E o capim sapé mais tempo poderá resistir

As paredes da sua casa foram
Inchimintiada e de barro embarriada
Toda casa tinha varanda, quartos e cozinha
Onde cabia toda a meninada

Durante o tempo que ele morou na aldeia Brejo
Disse que pissuiu três casas
Todas foram feitas do mesmo jeito
A trabalhar na oleria de telha ele estava

As telhas eram feitas em ajuntamento
Depois de queimada em partes iguais dividiam
A terceira casa foi coberta com telhas
Que juntos ali eles construíam

Às vezes nessas casas usavam
A tubatinga para rebocar
Para decorar as paredes
Nós pintava com o toar

Em mil novecentos e noventa e dois
Para a aldeia Riacho Brejo ele mudou
Onde construiu uma casa do mesmo jeito
Igual as que ele já morou

Na opinião dele a situação anterior
Tem uma vantagem
Porque chovia bastante
E o povo trabalhava com coragem

A desvantagem do passado
Porque não tinha condições
De construir uma casa melhor
E não havia evoluções

Os alimentos naquela época
Dava com muita fartura
E a forma de sobrevivência
Era só da agricultura

Da forma que nós eram criados
Era sadio até de mais
Porque era difícil adoecer
Se acaso doecesse tomava remédios tradicionais

Não tinha médico na aldeia
Para nos dar atenção
Os conhecimentos tradicionais eram transmitidos
De geração em geração

Ele afirma a importância dos alimentos
Que os agrotóxicos não estavam presentes
Era uma raridade
As pessoas ficarem doente

A carne suína
Faziam parte da nossa alimentação
Criava galinha, cocá e peru.
Para não passar certa situação

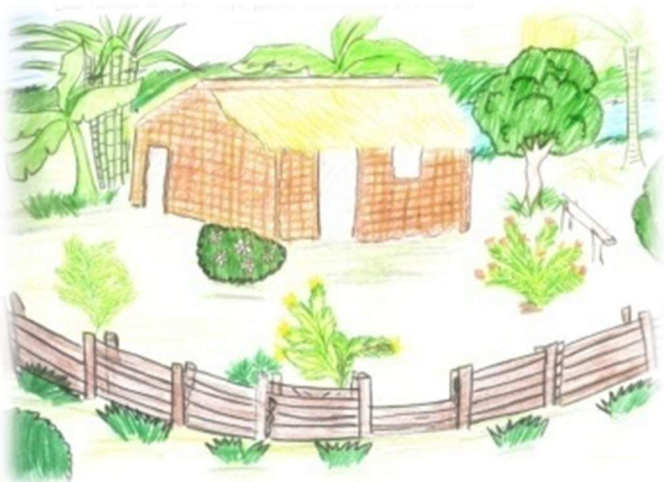
A vantagem das casas de hoje
E porque não da carestia
Que antes estava presente
À noite e em qualquer hora do dia



Casa de adobro coberta de telha e portas feita na aldeia



Casas construídas com blocos industriais e portas de ferros



Casa embarriada e coberta de capim sadé



Casa embarriada e coberta de tabua e com portas de vara

E outros tipos de insetos
Que ali presente estavam
Só que as casas de antigamente
Iguais essas não esquentavam

O motivo de chamar barata de carestia
Era para elas não aumentar
Se chamasse de barata
Elas cada vez iam multiplicar

Para diminui esses insetos
As currições tinham que chamar
Para fazer limpeza na casa
Elas começavam a chegar

As currições citadas
Era um tipo de formiga
Que os mais velhos chamavam
Era como suas amigas

Eles tinham uma ciência
E sabia como elas convidar
Para acabar com os insetos presentes
Que estava ali para atormentar

Elas chegavam ditardinha
E saia no romper do dia
Mas a limpeza ficava pronta
Quando elas dali saia

Ele disse que ao a ver elas chegar
Da casa tinha que sair
Porque elas só saiam
Após matar todos os insetos dali

Atualmente é difícil
Ver esse tipo de formiga
É por causa da diminuição da chuva
Que elas ficam sumidas

O tipo de casas mudou
Devido à evolução
Os pais de família iam trabalhar nas usinas
Depois mudou de situação

Depois tivemos o privilégio
De vários vereadores e prefeito índio eleger
Para ajudar o nosso povo
Que estava a sofrer

Porque as madeiras ideais para as construções
Já tinha acabado
E o povo ficava preso
E não eram civilizados

Ultimamente tudo mudou
Devido à necessidade
O avanço expandiu
Em toda comunidade

Mas ainda tem algumas famílias
Que precisa de atenção
Vive só da bolsa família
Outros não tem nem isso não

São poucas famílias
Que ainda tem a casa inferior
Outras já evoluíram bastante
Por esse momento já passou



Gruta



Casa enchimintada e coberta de casca de madeira

1.5 Os desenhos anexados nas próximas páginas representam os modelos das moradias do povo Xakriabá.

As primeiras habitações eram em grutas, lugares escolhidos por eles para dormir e cozinhar os alimentos, mas durante o dia eles passavam a maior parte do tempo na floresta caçando pescando e colhendo frutos. Após alguns anos passaram a construir casas feitas de madeiras e nelas era utilizadas troncos e cascas de madeira, capim sapé, tabua e barro. Em seguida foram adaptando-se as casas de enchimento, adobro, alvenaria e atualmente a maioria das casas estão sendo construídas de tijolo. *(Os desenhos foram produzidos por Emilaine de Souza Oliveira, 20 anos, dona de casa, residente na Aldeia Brejo Mata Fome).*

Ele disse que o foco principal da mudança
Foi à civilização do povo
Outras pessoas foram chegando
E trazendo algo novo

Disse que as primeiras casas diferentes
Que ele viu na sua aldeia construída
Foi à casa de Zé Caetano e Bonifácio
A casa do Zé era melhor e a do outro era parecida

Naquele tempo era bom de chuva
Eles plantavam talhão de mandioca
Na época da colheita pagava bastantes pessoas
Para fazer a farinha e tirar tapioca

Depois eles vendiam pra pessoas fora da aldeia
E só melhorava de vida
Aumentava a criação de gado
E não tinha uma vida sofrida

Eles também plantavam
Mamona e algodão crioulo
Quando era no tempo da colheita
Colhiam e saiam fazendo rolo

Tinha um fazendeiro chamado Vicente Lopes
Que comprava o que eles plantavam
Transportava para Januária
O que eles negociavam

Informou que hoje melhorou
Por causa das construções
Mas piorou porque diminuiu a chuva
E não colhe mais as plantações

Porque não da mais aquela quantidade
Necessária para as alimentações
Tem que comprar de fora
E isso nos trás preocupações

O tempo anterior era melhor
Que não faltava o que comer
E o tempo de hoje é bom
Porque os insetos não aproximam pra nos morder

O que era plantado
Colhiam em grande quantidade
Não pensava em vender
Mas dava pra quem tinha necessidade

O trabalho em juntamento
Era sempre realizado
Era atendido primeiro aquele
Que estava mais apertado

Não existia escola e nem médico
Para atender as nossas crianças
Mas conseguimos conquistar
Com luta e perseverança

A realidade era outra
Só pensava em trabalhar
As crianças quando iam crescendo
Os seus pais iam acompanhar
E a educação era outra
Sempre estava a respeitar

O Sr. Otávio falou com clareza sobre o seu modo de vida e a relação que ele tinha com a sua casa. Ele deixou bem claro como foram as suas primeiras moradias. Durante o seu relato percebemos que a

sua vida foi de grande batalha em relação as moradias, pois ele fez várias construções mas os materiais utilizados não diferenciava. Só quando ele mudou para a aldeia Riacho do Brejo ele construiu três casas, as duas primeiras foram feita de enchimento e ele mesmo quem construía, só a última casa que foi construída por pedreiro que sabiam fazer casas de adobro e coberta de telhas, que é a casa que ele mora até hoje.

casa e não conseguiram naquele momento disse que pra eles foi um grande desespero que ele era pequeno mais ainda lembra-se desse acontecimento. Ainda tem mais o homem vai criar uns cavalos de ferro pra matar o outro, que se referem o transporte nos dia de hoje explicou o Sr. João, tudo isso já presenciei acontecer, tantas coisas que mudou totalmente nosso território”.

Palavras da esposa dele:

“A esposa dele ainda ficava falando que ele estava caducando e não sabia o que estava falando que era melhor ele ficar quieto e ele dizia estou falando a verdade nós não vamos vê mais esse menino vai”.
(conversa ouvida por Maria da Paixão do Nascimento)

Batista de Souza para ajudar a incentivar os alunos sobre a importância desse trabalho. Eles acompanharam nos últimos treinamentos para ampliar as falas de cada personagem a serem faladas na hora da apresentação.

Comunicamos a diretora o dia que ia ser feito a apresentação do teatro, solicitamos a participação dela, falou da impossibilidade, mas que o coordenador e a supervisora estariam a disposição para ajudar na organização do espaço de realização do teatro.

O teatro foi apresentado no dia 10 de abril de 2017 para todas as turmas do período da manhã, sendo que todos os registros ficaram sob a responsabilidade de Genilson.

Após a apresentação do teatro explicamos para todos os alunos ali presentes o objetivo da apresentação daquele teatro em formas de poema. Após esse trabalho muitos além de começar a focar nos estudos ainda agradeceu por aquela

mensagem transmitida em forma de teatro. Todos que assistiram disseram que essa é uma forma de conscientização muito legal e que realmente a nossa educação precisa buscar cada vez mais esses avanços que ajuda os alunos a refletir e saber mais sobre o que pode prejudicar e ajudar no uso contínuo dos meios tecnológicos.

2.2 Versos lidos no dia da apresentação do teatro

Hoje são 10 de Abril de 2017
Reunimos em um só lugar
Pedimos que se reflitam
O que vamos falar

O objetivo do teatro
Não é só pra animar
Mostrar o que está acontecendo
Na hora de estudar

Preste bastante atenção
Só temos que avançar
E das tecnologias
Que agora vamos informar

essas linhas no seu entendimento se referia os fios de energia elétrica que hoje está espalhada por todo território Xakriabá, ainda tem mais! Um homem vai passar por cima do outro, depois cês me fala. E isso se refere o avião que hoje agente vê passar diariamente. Aí o Sr. João disse que ainda lembra a primeira vez que um avião passou voando no território Xakriabá que para eles foi uma surpresa, muitas pessoas estavam na roça, nos rios e ficaram todos desesperados, pensaram que era o mundo que estava acabando, que sempre eles ouviam os mais velhos falar que o primeiro século acabou com água e esse vai acabar com fogo e eles imaginaram que era isso que estava acontecendo, mas, depois de alguns anos que vieram descobrir que era um avião que passou por ali. Ainda afirmou que muitas pessoas ficaram assombradas que desmaiaram nos caminhos tentando se aproximar de

urbano, modificações essas que trás no momento bons resultado e depois vêm às consequências e às vezes sem a menor noção ou por querer avançar e ser mais sábio faz da sua forma mudanças continua que às vezes trás, mais prejuízos do que bons resultados.

Para dar início ao ensaio falei para a turma de uma conversa entre o Sr. Otávio Ferreira do Nascimento e o Sr. João Lopes Dourado conhecido como João de Sulina da Aldeia Riacho do brejo, ouvindo os dois conversar eu prestei atenção, onde ele disse:

*Eu ouvi o meu Bisavô conversando
com o finado João Gomes da aldeia
Barrerim que hoje é chamado de Terra
Preta e o Sr. João Gomes falou, “olha
cumpade vai chegar um tempo que eu
não vou vê mais esse menino aí vai se
ele viver muito tempo muitas mudanças
acontecer no nosso território, vai
passar um monte de linhas espalhadas
aí pela floresta nessa terra inteira e*

Temos que andar juntos
E saber controlar
Pois o uso exagerado
Faz as pessoas delirar

Queridos alunos
Vocês têm que imaginar
Aproveite o presente
Que o futuro vai chegar

O que adquirimos hoje
Amanhã vamos espalhar
E do conhecimento que estamos falando
Que todos têm que conquistar

Hoje vocês são alunos
Futuramente pode ser professor
Estuda com fé e coragem
Poderá ser também um doutor

Não fiquem perdendo o tempo
Sem saber o que fazer
Todos que estão aqui
Tem que cumprir o seu dever

As pessoas pessoalmente
Já quase não conversa mais
Fica quase o tempo todo
Nas redes sociais

O uso excessivo
Causa doença muito séria
Ataca coluna lesões por esforços repetitivos
Na hora que menos espera

A monofolia é causada
Por pânico e desespero
Na falta do computador ou celular
Já pensa logo em dinheiro

Isso porque são inundados
Com as boas notícias dos colegas
Acha que a sua vida é malsucedida
Pior do que cobra cega

Se o seu colega tem tudo
Você acha que não tem nada
Nunca pense desse jeito
Deus pode te ajudar nessa jornada

Nunca pense assim
Vocês têm tudo pra ser feliz
Pede que Deus guie seu caminho
Pois vocês fazem parte da raiz

O uso exagerado da tecnologia
É considerado um vício
Temos que tomar cuidado
Depois de dependente é mais difícil

Não é proibido
O uso do celular
Dentro da sala de aula
Deverá desligar

Participe das aulas
Na hora da explicação
Não tire a atenção dos colegas
Peço a todos colaboração

proposta para a sala de aula para ver a opinião dos alunos, dispuseram em participar. Para dar início a esse trabalho foi feita uma conversa com toda a turma para ver o que eles pensavam sobre o tema abordado, cada aluno falou uma frase que foi registrada no quadro, porque o objetivo era conscientizar eles primeiro para eles passarem toda a informação adquirida para os outros colegas e até mesmo pessoas da comunidade não só na escola, mas também em casa. Além de discutir sobre o conceito dos meios tecnológicos foi explicado para eles como deve se comportar diante de tantas novidades que se aproximam com rapidez nos atropelando e trazendo bons e péssimos resultados ultimamente, devemos estar atentos e nos controlar diante de certas situações a serem enfrentadas. Pensando bem tudo que está ao nosso redor pertence à tecnologia, mas ela sozinha não transforma, o homem que com a sua sabedoria e invenções transforma o meio ambiente e o meio

2.4 2º Teatro

No dia 16 de Outubro fizemos uma conversa com Elizabete Carneiro de Oliveira diretora dessa escola para dar início em um teatro com a turma do 8º ano B, aí ela disse que era uma boa ideia e pediu para fazer o treinamento para apresentar para todas as turmas e as pessoas da comunidade que iam está presente na entrega de resultado final no dia 11 de dezembro de 2017, inclusive os pais dos alunos ou responsáveis iam está presente, disse ainda que esse trabalho ia ajudar bastante no aprendizado desses alunos e que também era uma forma dos pais presenciar uma parte do aprendizado dos seus filhos além de conscientizar os outros alunos. Perguntamos para ela se seria possível ela disponibilizar um tempo para o coordenador pedagógico Wilson de Oliveira Bezerra nos acompanhar durante o treinamento por ele ter mais experiência. A partir dessa data levamos a

Sei que todos aqui
Tem um dever a cumprir
Mas não desista da escola
Poderá prosseguir

Não fique nas redes sociais
Na hora da alimentação
Vocês estão colocando doença
No corpo com as suas próprias mãos

Esse foi um trabalho
Difícil de realizar
Mostrar o que estamos vivenciando
Pra todos parar e pensar

Esse teatro foi apresentado
Pela turma do 8º ano B
Mobilizado por Mª da Paixão
E filmado por Gê

2.3 Registros Feitos na Escola Durante a Apresentação do Teatro.

Fotos tiradas no dia da apresentação do teatro de conscientização do bom uso das tecnologias realizado na Escola Estadual Indígena Bukimuju da Aldeia Brejo Mata Fome no dia 10 de abril de 2017.

As fotografias abaixo foram registradas por Genilson Alves dos Santos. As fotos de 1 a 14 foram registradas durante a apresentação do 1º teatro e as fotos de. 1 a 6 foram registrada durante a apresentação do 2º teatro



A mãe no Facebook e os filhos ao redor pedindo comida porque estavam todos com fome



Reunião com a professora da turma, pais de alunos e direção escolar.



O marido chegando da roça



Maria da paixão finalizando o teatro com versos



Professora chamando a atenção dos alunos porque estava muito incutido com a internet e não conseguia resolver as atividades e ainda tirava a atenção dos outros alunos.



A professora pediu uma reunião para conversar com os pais dos alunos sobre o comportamento dos seus filhos



Marido nervoso porque não tinha comida pronta, começou a discutir com a esposa.



Mulher mandando o marido fazer comida, porque ela não tinha tempo, pois, estava conversando com amigos nas redes sociais.



O marido fazendo comida porque ficou com dó dos filhos que estavam chorando de fome.



Comadre Precheda chegou à casa da comadre Gioconda chamou ela e não foi atendida porque ela estava concentrada nas redes sociais, após ela enviar uma mensagem pra ela na hora foi atendida.



Os filhos indo para a escola estudar



Os filhos do casal na escola, onde começou a não prestar atenção na aula só olhando no facebook.

Não ficavam solitários
Com a cabeça vazia
Pois em todo tipo de trabalho
Elas também aparecia

Hoje acontece coisas terríveis
Por causa da rebeldia
Quem interferiu no nosso costume
Foi essa tecnologia

O conhecimento era passado
De geração para geração
Hoje são poucas famílias
Que consegue o repasse dessa tradição

A nossa cultura já quase acabou
Mas atualmente deu uma evoluída
Tomara que não pare por ai
Pois nossa identidade tem que ser assumida

A nossa identidade esta na cultura
O índio do homem branco é diferenciado
Pois só conhecemos uma policia
Se ela estiver fardado
Mesmo assim é o índio
Temos que andar preparado

Hoje não podemos fugir da tecnologia
Precisamos dela pra nos defender
Pois os brancos cresce seus conhecimentos
Pensando em nos ofender

Por isso temos que estudar
Para nós aprender
Como lidar com certas ferramentas
E saber nos proteger

Dando inicio ao nosso trabalho os alunos interessaram em fazer o teatro ao ouvir o que eu tinha contado dissemos, nós vamos montar a peça teatral em cima da fala do Sr. João, ainda disseram que era muito interessante mesmo fazer esse teatro porque estava acontecendo muito acidente devido o mau uso das tecnologias então começamos o ensaio da peça teatral onde foram três semanas de treino intensivo e cada dia eles iam aperfeiçoando, depois chegou o dia de apresentá-la o teatro e eles todos entusiasmados para apresentar. Foi apresentado o teatro no dia 11 de Dezembro de 2017 as 8:00h da manhã para a comunidade, pertencente a Escola Estadual Indígena Bukimuju onde estava presente lideranças, Diretores, vice-diretores, país, professores, coordenadores pedagógicos, supervisores, alunos e demais pessoas da comunidade no dia do resultado final do ano letivo.

Após a apresentação do teatro eu Maria da Paixão li os versos feitos escrito abaixo explicando o objetivo do teatro e como foram criadas as peças, em seguida o Coordenador Wilson de Oliveira Bezerra fez o uso da palavra agradecendo a presença de todos os presentes e explicou o motivo da

apresentação do teatro. Logo após a diretora Elizabete Carneiro de Oliveira fez o seu comentário agradecendo a equipe do teatro e disse que é um avanço muito grande na vida dos jovens ultimamente que quantos não têm essa disponibilidade e agradeceu a nós pela iniciativa e que mais conscientização dessas deve acontecer na escola para uma mudança na vida dos jovens em relação à tecnologia. Pais ficaram felizes que depois me procurou para agradecer por incentivar os filhos durante o período escolar e disse que mais desse deve acontecer.

Sendo que esse custo todo mês
Nós podíamos guardar
Ou outra coisa comprar
Ou se não nos alimentos aumentar
Só mesmo quem tem salário
É que todo mês pode comprar

Com as tecnologias que apareceram
Comemos e bebemos mais é veneno
Na minha época era diferente
E foi assim que nos crescemos

Pra adoçar o nosso café
Garapa de cana ou mel de abelha era usado
Atualmente até os engenhos
Esta ficando diferenciado

Produzindo mais e cachaça
O povo mal acostumado
Fui criado comendo comida sadia
Mas hoje é tudo envenenado

Conheço algumas pessoas
Que planta separado
Mas a maioria dos alimentos vem de fora
E mal tem nos causado

Antigamente os jovens e as crianças
Tinha muito o que fazer
Não sobrava tempo para pensar em besteira
Sã e sadios iam viver
Pegava lenha e remédios na semana santa
Pra cuidar das pessoas que adoecer

A energia trouxe um grande prejuízo
E um lucro bem menor
Interfere na união do povo
Parecendo que dar um nó

A geladeira é boa
O liquidificador não gosto de usar
Mas antes nós tinha o nosso jeito
De uma carne saber colocar para secar

Hoje esta diferente
Porque antes muito mais chovia
Plantava horta em todo o tempo
Em qualquer época verdura tinha

O fogão a gás é perigoso
Além do gasto que tem que fazer
Ele interfere no nosso costume
De um fogão de lenha nós ter

Sendo que é assim
É só nós avaliar
A diferença da comida do fogão a gás
Pra o de lenha na hora de alimentar
Fica muito mais gostoso
Além de o costume preservar

Em vez de comprar um gás
Compramos o que alimentar
Os eletrodomésticos só gasta energia
E vem conta alta para pagar



Os mais velhos conversando sobre o que ia ocorrer no futuro.



Os mais velhos conversando sobre as linhas que estavam espalhadas no território que é a energia e as mudanças que elas



Os mais velhos conversando sobre o cavalo de ferro que o homem criou para matar o outro, que se refere aos automóveis e sobre o mau uso das mesmas por as pessoas.



Os mais velhos conversando sobre o comportamento das pessoas com a chegada das novas tecnologias

O meu ponto de vista com a energia
É que o trabalho diminuiu
Não precisa fazer mais um candinheiro
Que a luz todos nós já adquiriu

A televisão aqui para nós
É uma perda muito grande
Está tirando nossa cultura
E as crianças ficando distantes
Já cresce conhecendo coisas diferentes
Esquecendo-se do mais importante

Temos dívidas que antes não tinha
É pagar energia todo mês
Os filhos conhecendo
o que não era para conhecer
Foi isso que a energia fez

Nela passa muitas coisas boas
Mais muitas coisas para nós indígena é ruim
A nossa geração sendo transformada
Ficando tão rebelde assim

Antigamente sentava
Na beira da fogueira ao anoitecer
Os pais ensinavam os filhos
Como andar e se defender
Saber andar na floresta
Assim que eles crescer

As crianças não obedecem mais os pais
Só pensam em todo dia assistir
Aprendendo o que não presta
E os pais têm que resistir

Foram feitas várias perguntas
E ele logo entendeu
E agora vamos registrar
O que ele respondeu

A primeira energia no nosso território
Foi colocada pelo prefeito Zé de Paula
Na aldeia Santa Cruz
Assim o Sr. Zé afirmou na sua fala

No ano de mil novecentos e oitenta e cinco
Que essa energia foi colocada
Em mil novecentos e oitenta e oito na sede
Que logo foi transformada

A energia colocada na sede/ Brejo Mata fome
Foi um projeto da primeira associação
Que beneficiou o Brejo Mata fome
Feito pelo finado cacique Rodrigo

Após ser colocado na aldeia Brejo
Foi só espalhando em todo lugar
Passando em todas as aldeias
Da Terra Indígena Xakriabá

A energia chegou na aldeia Santa Cruz
Só tinha quatro moradores lá
Todos ficaram contentes
Assim que viram iluminar

No olhar indígena
Achou aquilo muito bonito
Mas não foi imaginado
No futuro o prejuízo



Finalização do teatro com a dança de antigamente.



Agradecimentos finais

2.5 Versos lidos após a apresentação do teatro.

Certo dia na casa do meu pai
Os mais velhos presenciei conversar
Lembrando-se de umas afirmativas lindas
Que o seu avô estava sempre a falar

O Sr. João afirmou
Que estava um dia a escutar
O seu avô disse assim
Eu não vou alcançar
Mas esse menino vai vê acontecer
Tudo que aqui vou explicar

Cês vão vê um monte de linhas
Que na floresta no nosso território vão passar
Depois vocês me digam
Isso logo vocês verá

Essas linhas eram os fios elétricos
Que pra todo lado espalhado aqui está
Pois ele já previa o futuro
Que nós iam vivenciar

Falou que o homem ia passar por cima do outro
Porque mudanças constantes iam acontecer
Que hoje significa o avião
Que voam por cima sem estremececer

Ele lembrou da primeira vez
Que o avião do nosso território se aproximou
Mesmo voando por cima
Todo mundo assustou

Disse: nós agradecemos vocês
Por nos fazer acreditar
Que nós íamos conseguir
Esse trabalho apresentar

Ficamos muitos empolgados
Por a platéia nos aplaudir
Agora estamos preparados
Para apresentar mais desse aqui

Capítulo 3

3.1 Energia, eletrodomésticos, TV, impacto e transformações.

*Entrevista realizada com o Sr. Jose Fiúza da silva de
68 anos da aldeia Itapicuru no dia 01 de abril de 2018 às 08
horas e 30 minutos*

No dia 01 de abril de 2018
O Sr. José fomos entrevistar
Pra dar continuidade no nosso tcc
E o nosso conhecimento ampliar

A primeira entrevista feita com ele
Foi sobre as tecnologias
Que atualmente transformou o mundo
E mudou o nosso dia - a - dia

Ao terminar a apresentação do teatro
Os pais de nós se aproximaram
Agradecendo pelo trabalho
Que os seus filhos apresentaram

Disseram: foi muito lindo
Isso nunca tinha visto
Vimos uma grande capacidade
Nos alunos apresentando isso

Nesse dia estava chuvoso
Nem todos os pais conseguiram ali chegar
Mais as personagens do teatro
Nenhum veio faltar

Wilson coordenador pedagógico
O objetivo do teatro explicou
Disse: participei de todos os treinamentos
Por ser um coordenador
Para ajudar a organizar
Paxinha que me convidou

Esse é o início
De outros que há de vim
Precisamos de mais trabalho
Pra ser apresentado assim

É dessa forma que conseguimos
Os nossos jovens conscientizar
Pra melhorar nossa educação
É preciso essas informações passar

Após a apresentação
A turma veio a dizer
Pensava que nós não íamos conseguir
Falar o que nós íamos fazer

Muitos tentaram correr pra casa
Outros até desmaiou
Esse dia foi um grande sufoco
Da fala do seu avô ele lembrou

É o mundo que está acabando
Bem os mais velhos explicou
Que o mundo vai acabar com fogo
E é esse o dia que chegou
Que ele ficou com tanto medo
E o seu coração disparou

Depois de uns 10 minutos
Aquele barulho cessou
Ai ficaram perguntando um pro outro
O que foi que aqui passou
Ninguém soube explicar
Quase todos encabulou

Passando alguns anos
É que foram descobrir
Que aquilo era um avião
Que tinha passado por aqui

O seu avo ainda disse mais
Que o homem ia criar
Um cavalo de ferro para o próximo matar
Que significa os automóveis
Que muitos não sabem usar

Além de colocar a sua vida em risco
A vida do próximo vai arriscar
Muitos dirigem embriagados
Em alta velocidade vai andar

Ele disse que fez essa reflexão
Lembrando o seu avô pra ele apontar
Afirmando que não ia ta mais aqui
Mais ele que era criança ia tudo isso enxergar

A esposa do seu avô
Não era muito de acreditar
Que isso não ia acontecer
Achava que o véi estava a endoidar

Que ele estava com a cabeça branca
Tinha começado a caducar
Não sabia o que ele estava falando
E que ela não ia importar

Esses avanços trouxeram melhorias
Mais veio também prejudicar
Se nós não manter o controle
A mente vai enfraquirar

Ouvindo a fala do Sr. João
Consegui perceber
Que tudo que foi falado
Estamos vivendo, e a nova geração vai viver

O teatro foi apresentado em cima dessa fala
Pessoas sabias aqui nunca faltou
Mais os jovens ultimamente
Na fala dos mais velhos não da valor

Tentamos conscientizar os jovens
Que nos livros e dicionários temos que dar valor
Eles são uma grande riqueza
Que sempre nos ajudou

2.6 Apresentação do teatro

O teatro foi apresentado
Pra todos que estavam presentes
Os pais vendo a apresentação
Ficaram todos contentes

Finalizando a apresentação
Os versos escritos a cima foram lidos
Nos agradecimento disseram
Esse foi muito divertido

Neles está explicando
A evolução das tecnologias
Que ultimamente está presente
No nosso dia-a-dia

A afirmação do Sr. João
Era uma realidade
Ele já previa o futuro
E o que falou era verdade

A Diretora Elizabete
Para a platéia falou
Esse foi um trabalho muito rico
Agradeço esses professor

Por tomar a iniciativa
Pois muito nos ajudou
Além de conscientizar essa turma
Aos outros incentivou



Armário, mesa

3.3 Meio de comunicação

Antigamente as pessoas se comunicavam através de cartas, apesar de, ser um meio de comunicação muito lento.

Para enviar uma carta era preciso ir levar até uma cidade chamada Januária porque era o posto de correio mais próximo da TIX². Essa forma de envio era feito só para lugares distantes do território. Dentro da aldeia a comunicação era circulado assim, enviava recados por pessoas que moravam próximos uma da outra ou mandava um menino ir a pé ou a cavalo até aquela casa para dar algum aviso.

² Território Indígena Xakriabá

Sem conhecer o mundo lá fora
Somos incapaz de debater
Contra o que vem nós prejudicar
E fazer todos nós sofrer

3.2 A partir das entrevistas realizadas decidimos fazer as ilustrações por meio de desenhos, demonstrando as mudanças ocorridas nos meios tecnológicos, e nesta ilustração trazemos uma rápida reflexão das lembranças vividas pelos entrevistados. Ao registrarmos o antes e o depois, através de ilustrações fizemos com que as lembranças e conhecimentos que eles nos transmitiram sejam retratadas para as novas gerações.

Antes não existia energia elétrica na aldeia para iluminar a casa durante a noite usavam candeias (lâmparina) que funcionava a óleo diesel querosene para iluminar dentro de casa acendia uma fogueira todos os dias as noites, onde aconteciam trocas de experiência, uma roda de conversa e grandes conhecimentos era passado de pai para filho e de geração para geração naquele instante.

Através da presença da energia em boa parte das moradias Xakriabá os modos de transmissão os conhecimentos

mudaram nos dias atuais, é muito raro ver acontecer uma roda de conversa ao entardecer, porque as pessoas trocaram essas rodas de conversa por televisão e rede sociais.

Com base na entrevista realizada com José Fiuza da Silva, resolvemos fazer um comparativo entre o antes e depois por meio de desenhos. *Os desenhos foram produzidos por Emilaine de Souza Oliveira, 20 anos, dona de casa, residente na Aldeia Brejo Mata Fome.*

O armário e a mesa substituíram o giral e a prateleira na cozinha. As prateleiras usadas eram feitas por pessoas da aldeia que dominavam essa construção e eles eram chamados de carpinteiros.





Giral de forquilha



Guarda roupa, comoda e sapateira



Antigamente era usados as candeias para iluminar as casas.



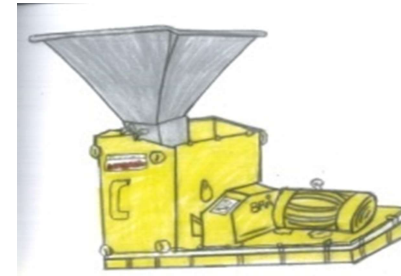
Hoje já não e mais utilizado esta utilizando as lâmpadas elétrica



Modo de socialização antes da chegada da energia elétrica



Modo de socialização depois da chegada da tecnologia



Máquina de moer milho

O guarda roupa, a cômoda, e a sapateira vieram para substituir o giral que era usado nas casas do povo Xakriabá. Apesar de, não ser em todas as casas, mas na maioria não tem mais esse costume

O giral era feito e nele era colocado caxetas e sacos cheios de roupas no quarto.

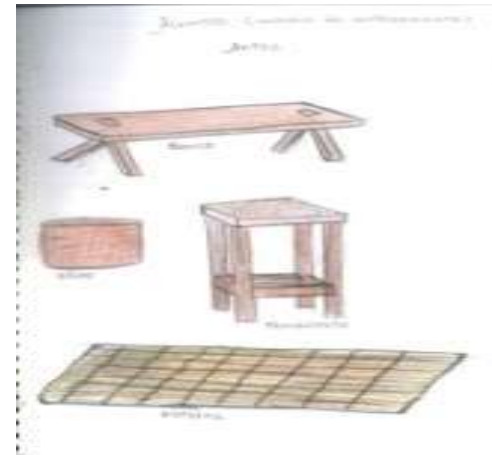


Pilão



Máquina de moer café

Os acentos¹ de antigamente eram diferentes, construídos na própria aldeia e pelos próprios indígenas, com as madeiras encontradas no território. Esses acentos foram trocados por outros mais modernos comprados nas cidades ou fabricados artesanalmente por carpinteiro do mesmo lugar



Os acentos de antigamente eram: cepo, banco, tamborete e esteira.

¹ Objetos utilizados para sentar



Os acentos de hoje são: cadeira de madeira, de plástico e sofá.

Quando não existiam camas feitas por carpinteiros dormíamos em camas construídas de forquia e varas que era conhecido por giral. Como não existia colchão, só colocava uma esteirinha para deitar ou faziam colchão de saco de nalho costurava e enchia de palha de milho ou de palha de banana para colocar em cima da cama. Às vezes nem cama não tinha só forrava a esteira na sala da casa para dormir a noite e de manhã desfazia a cama essa era a rotina diária.

O pilão era usado para fazer paçoca, fubá, canjiquinha e canjição de milho. É pisado paçoca de gingirlim, de coco, castanha de pequi e o café também era pisado nele. Com os avanços ocorridos dentro da aldeia congelou um pouco, esse uso é feito ainda, mas por algumas famílias, pois o pilão foi substituído por liquidificador e máquinas.



Liquidificador, moinho de moer café

A comida era cozida no fogão a lenha, dentro ou fora de casa. O fogão era feito de barro e de madeira. Era usada lata, ferro ou foice véa para arrumar a fornalha, embarria e deixa só o buraco de colocar a panela para cozinhar os alimentos.



Fogão a lenha de giral



Fogão a gás



Cama de madeira e cama Box

A conservação da carne era feita assim: retalhava, salgava e colocava no sol para secar. A resfriagem da água era feita no sereno; colocava um balde de água no giral do terreiro à noite e deixava no sereno pegava no outro dia ao amanhecer depois colocava no pote que estava enrolado com um pano úmido, toda vez que ia tomar água jogava ao redor do pote para molhar o pano e a água não esquentava, permanecia frio o dia todo.

Esses costumes foram ficando de lado, atualmente a geladeira fez essa substituição.



Varal de carne secando no sol



Geladeira

As crianças de sete anos de idade
Os pais pra roça já acompanhava
Não agüentava levantar uma enxada
Mais os matos do pé do milho arrancava

Elas cresciam assim
Se fosse possível já pipinava
Cuidando do mantimento
Que na roça os pais plantava

Um ponto que distanciou crianças e jovens da roça
Porque com quatro anos já tem que estudar
Se os pais não colocar na escola
O povo chama o conselho tutelar

Na minha infância
Só pensava em trabalhar
Porque não existia escola
Para que nós pudesse frequentar

Não tinha essas autoridades
Que atrapalhava os filhos serem corrigidos
Os filhos eram mais obedientes
E eram muito mais divertidos

Na quarta feira de cinza
O lugar da era roça escolhido e marcado
Marcava treis cantos e deixava um aberto
Para as mundiças sair sem deixar estragado

No final de março para abril
Era feito o roçado
Respeitando a quadra da lua
Que era o costume sagrado



Carta, menino dando recado



Orelhão, celular e computadores

Capítulo 4

Os meios de transportes e modificações no território

Xakriabá

Entrevistas realizada com senhor José Fiúza as 9 h do dia 1 de abril de 2018

Foi realizada essa entrevista
Com o Sr. José Fiuza no dia primeiro de abril
Da aldeia Itapicuru
E bem próximo do rio

Ao fazer as perguntas
Ele logo se concentrou
Em seguida os seus conhecimentos
Ele nos passou

Nos iam para Januária
A pé tocando cargueiro
Era uma semana pra ir e vim
E era andando bem ligeiro

Para comprar o que aqui próximo não tinha
Muitos quilômetros nós tinha que andar
Era um pouco cansativo
Para essas viagens realizar

Esse mutirão era feito
Do preparar a terra ao colher
E era uma grande fartura
Que qualquer um podia comer

Para encoivarar uma roça
As mulheres iam ajudar
Após que as coivaras eram queimada
Os homens iam cerca

Elas só não ajudavam
No roçar, derrubar e cerca
Mais no restante do serviço
Elas estavam a trabalhar

Naquela época não existiam maquinas
Para a terra tombar
Todo o serviço era braçal
Nós tinha que espernear

As máquinas que e usada hoje por alguns
Com a nossa floresta acaba
Porque onde ela passa
Naquele lugar não sai mais nada

Onde que é colocado roça braçal
Com cinco anos reflorestados já estar
Aquela que e feita com maquinas
Ate as raízes ela destruirá

Naquela época a mulher trabalhava em casa
Mais na roça também tinha sua função
Juntava toda a meninada
Que trabalhava com atenção

Capítulo 5

5.1 Manejo da terra

Entrevista sobre o preparo da terra para o plantio com

o Sr. José Fiuza da silva

Para entrevistar o Sr. José
Um roteiro de pesquisa foi escrito
Ele respondeu com facilidade
Gravamos e depois fizemos rabisco

Na nossa observação
Ele respondeu com prazer
Agora vamos registrar
O que ele veio a dizer

Para colocar uma roça
Nos trabalhava com mutirão
Reunia muitas pessoas
Juntavam uma multidão

Quando não tinha mutirão
A família se reunia
O serviço de uma semana
Fazia em um só dia

Nós saíamos daqui
Pra ir na luma fazer feira
Saia de madrugada
Meio dia uma hora estava em casa na biqueira

Na cidade de São João das Missões
Ir a pé nos já era acostumados
Até para votar eles mandava um pau de arara
Nós voltava a pé porque só levava no voto interessado

Na hora de retornar
O caminhão estava quebrado
Aquele monte de homem voltava todos cansados
Junto com o cacique Rosalino e Rodrigo
Nós andava acompanhado

Em certa vez
Nos já estava sendo perseguido
Pegou um grupo de homem do Sapé e do Itapicuru
De volta passou pela manga
Deixou nos no INCRA esse dia foi sofrido

Muitos só após de três dias
Que conseguiram em casa chegar
Porque estava invernado
E não podia ligeiro andar
Só não morreram de fome
Porque parava em outras casas para alimentar

Pensando nos transportes
A vida hoje melhorou
Os mais novos não passaram
O que os mais velhos passou

O nosso território hoje
Não tem mais aquela condição
De criar cavalos necessários
que é também uma condução
Além do desenvolvimento
Aumentou a população

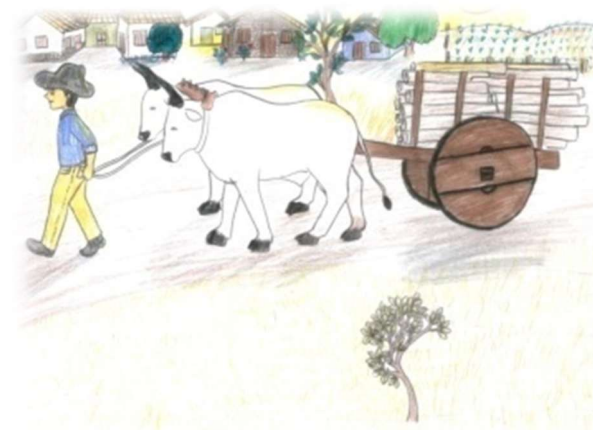
Antigamente era tão difícil
Até de um recado mandar
Era com a união do povo
Que conseguia mobilizar

Naquela época não tinha carro nem moto
Mas ninguém não perdia uma reunião
Andava a pé muito longe
Mas reunia o povão

Mesmo com dificuldade
Mas o povo tinha prazer em reunir
Pra tomar junto às decisões
E parava para o cacique ouvir

A tecnologia avançou
Mas o povo está mais desinformado
Só não sei qual é o motivo
Que estão desinteressados
Não participa mais das reuniões
Parecendo que estão cansados

Os transportes mais utilizados
Era o cavalo, mas a maioria andava a pé
Porque às vezes só a minoria tinha cavalo
Principalmente as mulheres



Carro de boi



Caminhão



Carro de bode



Bicicleta, Moto e Carro

Andando a pé pelas estradas
Tinha uma maneira de descobrir
Se o outro já tinha passado
Aonde chegasse numa encruzilhada
Se visse um ramo jogado ali
Já pensava logo assim
Ele já foi para o encontro marcado

A primeira estrada que foi feita aqui dentro
Foi no mandato de Vicente Lopes Prefeito
A máquina entrou pela Santa Cruz
Saiu em Januária deixando uma estrada perfeita

Para fazer uma viagem
Nos carreirinhos tinha que passar
No ano de mil novecentos e sessenta e três
Que a primeira máquina veio aqui trabalhar

Fez uma estrada da aldeia Santa Cruz
Passando pelo Sumaré até em Januária chegar
Na época que Vicente Lopes
Estava no município de manga a comandar

Foram feitas as primeiras estradas
Para os fazendeiros passar
Que aqui era vendido milho, mamona e algodão
Que de caminhão tinha que transportar

Elas foram feitas por nós mesmos
Com enxada, machado foice e enxadão
Pois máquinas nós não conhecíamos
E não tinha na região

Com a estrada atual
Vei muito a melhorar
Porque era mais ou menos uns 3000 índios
E hoje aproximadamente 11000 veio a chegar
E não sei o que seria de nós
Se não tivesse estrada para andar

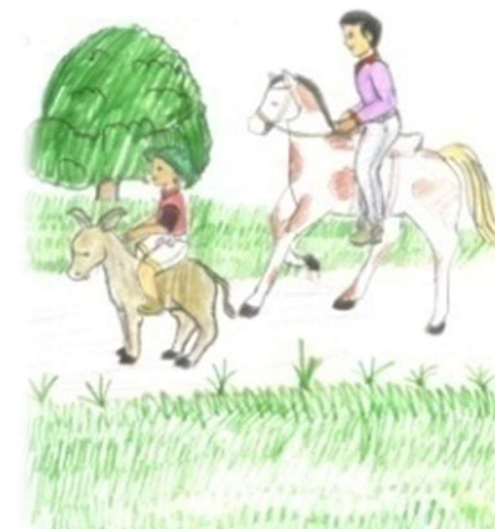
Tem um ponto negativo
Que são as perseguições
Que entram pessoas estranhas
Trazendo grandes evoluções

Entra automóveis ilegais
E drogas pra nos prejudicar
Porque tem varias saídas
No território Xakriabá

Muitos não índios praticam o mal lá fora da aldeia
E vem aqui dentro esconder
Então cada vez mais ficando difícil
De o nosso povo sobreviver

Sem estradas eles não tinham oportunidade
De aqui dentro entrar
Pois o acesso era difícil
Do nosso povo se aproximar

Só os mais velhos saiam das aldeias
Para o necessário comprar
Não iludiam com outras coisas
Pois no futuro estava a pensar

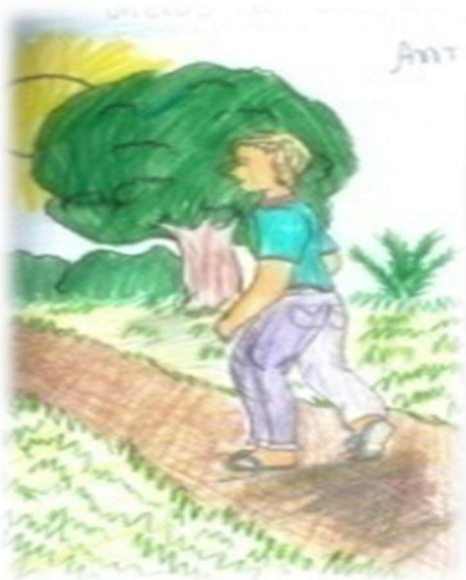


Homem a cavalo



Carroça

necessárias. Tudo mudou isso foi substituído por transportes movidos a gasolina como: bicicleta, moto, carro e caminhão. As viagens que eram feitas montado em cavalos ainda é feito, mas é mais difícil.



Homem a pé

Hoje a juventude esta difícil
Ate pra conscientizar
Aprendendo coisas incríveis
Que mais tarde vai complicar
Pois não encontramos solução
Pra entrada e saída no território controlar

O primeiro automóvel que apareceu por aqui
Foi um carro dos fazendeiros
Na aldeia Sumaré e Brejo Mata Fome
Invadindo e querendo ganhar dinheiro

Após os fazendeiros
Chegou também um carro da FUNAI
Aproximadamente no ano de 1969
Que ficava um entra e sai
No inicio só em algumas aldeias
Que o acesso era mais fácil
Só onde tinha estrada
Que eles andavam mais rápido

A FUNAI começou vim aqui
Quando estava a nossa terra a demarcar
Só que do primeiro automóvel que entrou aqui
Comprado pelo índio não consigo me lembrar

As modificações trazidas
Melhorou o nosso viver
Pois precisamos dos automóveis
Para comprar feira e trazer

Ou fazer compra em grande quantidade
Pra poder revender
Essa é uma das formas
De o nosso povo sobreviver

Essas transformações vindas
Vieram acompanhadas de malefícios
Não existia bondade
Sem fazer o sacrifício
Pois com a falta da chuva
Tudo ficou mais difícil

Com a chegada dos veículos
Os jovens estão mal acostumados
Nasceram dentro das mordomias
Sem enfrentar dificuldades

Eles precisam pelo menos nos imitar
E parar para pensar
Que muitas coisas que prejudicam
Tem como hoje evitar

O veneno mesmo
Tem como Parar de usar
O trabalho tem que ser braçal
Para uma roça colocar
Estão querendo as coisas mais fáceis
E uma roça não quer limpar

Quando precisam fazer uma viagem
Já pensam em um automóvel esgarranchar
Não lembram que os nossos mais velhos
Pra chegar até aqui teve que bastante caminhar

Temos que orientar filhos e netos
Sempre no dialogar
Para não perder esse conhecimento riquíssimo
Que mais tarde eles vão precisar

Na ausência de um veículo
Temos que espichar
Além de fortalecer nossas forças
Faz bem o caminhar

Deixar de lado o mau costume
E nossos mais velhos imitar
Que eles têm que está preparado
E a cultura praticar

Não deixar a tecnologia
O seu templo invadir
Mesmo usando coisas modernas
Sua identidade deverá em si existir

Não deixar de ser índio
Só porque tem internet e anda de avião
Que o sangue que corre na sua veia
Vem de uma geração
Que foi criado dentro da nossa cultura
Onde está presente a tradição

Alguns anos atrás o tipo de se locomover dentro e para fora do território era muito diferente. O transporte usado era burro, jegue, cavalo, carro de bode, carro de boi e carroça, mas a opção mais escolhida era a pé.

As viagens que fazemos hoje em dois dias eram feitos em seis meses e as pessoas não desistiam eram firmes e faziam suas viagens

Pissuiu: conseguiu, adquiriu, construiu
Piteira: Agave Americana

R

Resguardo: após o parto um período de trinta dias
Restinho: pouco
Romper do dia: amanhecer

S

Singela: casa simples

T

Tanhão: meia ou uma hectares de terra
Tiçãõ: resto de madeira queimado
Toar: Argila com vários tons de cores usados para
decorações de artesanatos e paredes
Tombar: gradear terra
Tubatinga: tipo de barro de várias cores

V

Varanda: sala de estar

Todo o cultivo feito na roça
A lua nova para a crescente tem que esperar
Somente a colheita
Que a lua nova vou indicar

Vou falar a parte negativa de hoje
Não estão respeitando mais a ciência
Que faz parte da nossa cultura
E da nossa inteligência

Nós estamos perdendo
De trabalhar com a natureza
Com esse respeito às roças eram sadias
Saíam que só uma beleza

Seguindo essa ciência
As mundiças não faziam destruição
Que assim que ela chegava
Mandavam logo para o matão

A terra que é cultivada esse ano
Uns quatro ou cinco anos pode ser plantada
Pois fazendo dessa maneira
Deixamos mata reservada

E não destruir com as máquinas
Que a situação fica complicada
Que a terra que passa a máquina
Com três ou quatro anos não sai mais nada

Precisamos da máquina agrícola aqui dentro
Mas o uso dela deve ser controlado
Não colocar para destruir o restinho da floresta
Mandar passar só onde já estar desmatado

Plantar sempre no mesmo local
E não deixar animal pisotear
Para que no próximo ano
Possa plantar novamente no mesmo lugar
Que as palhas que for deixada ali
Possa em adubo transformar

Fazendo dessa maneira
A terra vai demora mais tempo para morrer
Se não respeitar essa regra
Ela só tem que a falecer

Nós seres humanos
Precisamos de alimento pra sobreviver
A terra não é diferente
Precisamos ela fortalecer
Pois a nossa mãe terra
Precisa de quem cuida dela
Para que possa viva permanecer

O feijão, milho, feijoa, algodão, mamona, andu
Em terreno de barro sai melhor
Eles dão de grande fartura
Podem ser plantados em um lugar só

Para cada tipo de semente
Tem um lugar apropriado para plantar
Pois cada um tem uma ciência
Num adianta desacreditar

A batata de pulga pra dar em gerais
Precisa ser plantada
Pois essa terra não e indicada
Para ela ser cultivada

Invernado: período de grande volume de chuva
luma: nome de um vilarejo

M

Madeira branca: madeira sem cerne
Mantimento: plantações
Matão: floresta, mata fora da roça
Mixila: Tamanduá-colete
Mordomias: Ter facilidade, ter tudo ao seu alcance, não ter trabalho
Mundiças: Lagarta

N

Nhánhá: vovó
Nhônho: vovô

O

Olaria: lugar onde era confeccionada a telha

P

Paia: palha
Paiais: palhas de milho
Papos: conversas importantes
Podarco: Ypê
Pau de arara: caminhão
Percevejo: tipo de inseto
Pipinava: limpar, rancar mato

E

Embarriada: parede construída de madeira e cipó, preenchida com barro e acabada com barro

Encoivarar: empilhar galhos de árvores

Época da seca: período não chuvoso

Escorraçar: correr, mandar sair

Esgarranchar: montar

Espernear: trabalhar para conseguir algo

Espichar: andar

Esteios: pilar de madeira

Encabulou: tenso, pensativo, admirar

F

Fartura: muito, bastante

G

Gradeando: usar a grade do trator para afofar a terra e preparar para o plantio

I

Inchimintiada: parede construída de madeira, cipó e preenchida com barro e que ainda não foi embarriada, acabada

Incruzinhada: cruzamento de estradas

Inferior: material mais frágil

O mantimento da melhor
Em uma terra tombada
Pois ela fica mais fofa
Até pra plantar de enxada

Muitos pedaços de terra aqui ultimamente
De uma mistura de adubo já esta precisando
Porque já perdeu aquela força
Do mantimento ir fortificando

Já orientei os meus filhos
Um pedaço para plantar preservar
Plantar sempre todo ano
Em um só lugar

Ficar sempre atentos
E não deixar animal nela pisar
Porque a população aumentou
E estamos ficando sem lugar para trabalhar

O adubo muito bom
E aquele que a terra produziu
Se usar adubo que vem de fora
A terra nois já destruiu

Agradecemos ao Sr. José
Por essas informações nos passar
Ele disse que ficou agradecido
Por nós escolher ele para pesquisar

O manejo da terra era feito sem uso de equipamentos tecnológicos, sem o uso de trator e de agrotóxicos. Era um trabalho feito em conjunto onde às famílias faziam um ajuntamento da roçada da roça até a colheita.

Atualmente está sendo usada máquina braçal, o trator para gradear terras e os agrotóxicos na limpeza. Isso não é feito por todas as famílias porque muitas ainda limpam as roças apenas de enxadas.



Cavando pra plantar

VOCABULÁRIO

A

Ajuntamento: encontro de várias pessoas em um certo lugar com o mesmo objetivo

Armadilha: Ferramentas de caça confeccionadas ou madeiras e pedras

Arranchados: pousado, acampado

B

Baderna: Barulho provocado por um grupo de pessoas

Barbado: *Alouatta guariba*, tipo de macaco

Batata de purga: uma raiz natural da caatinga.

Borrifador: pessoas especializadas para borrifar veneno para matar os insetos

C

Candinheiro: lamparina

Carestia: barata

Cargueiro: jegue, burro ou cavalo usado para transportar alimentos

Carreirinhos: estradas para passar a pé

Catingueiro: veado

Cerno: cerne

Currições: formiga vermelha

D

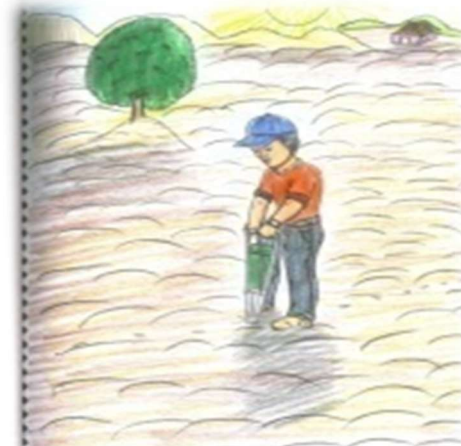
Derrubar: cortar árvores

Ditardinha: final do dia

Eu Maria da Paixão do Nascimento nasci no dia 28/03/1986, moro na Terra Indígena Xakriabá na Aldeia Brejo Mata Fome município de São João das Missões norte de Minas Gerais. Sou casada com Rogério Gomes de Oliveira, tenho três filhos, Renilson, Larissa Hiãnohãny e Rikelmy. Estudei os anos iniciais na Escola Municipal Pio XII com professores não indígena no próprio território. Os anos finais do ensino fundamental e ensino médio estudei com professores indígenas na Escola Estadual Indígena Bukimuju. Cursei Técnico em Secretaria Escolar na IFNMG (Instituto Federal do Norte de Minas Gerais) na EAD e Ingressei no curso superior, FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas) em 2015 concluindo em 2019. Sou professora na Escola Estadual Indígena Bukimuju na aldeia Brejo Mata Fome.



Gradeando para plantar



Plantando de máquina



Limpendo de inchada



Passando veneno para limpar

Autores

Eu Genilson Alves Dos Santos nasci no dia 07/06/1995, sou da etnia Xakriaba, moro na aldeia Riacho do Brejo, município de São João das Missões norte de Minas Gerais.



Estudei os anos iniciais na minha aldeia, a escola era vinculada a escola do brejo mata fome e os anos finais na aldeia brejo mata fome na Escola Estadual Indígena Bukimuju, terminei o ensino médio no ano de 2014. No ano de 2015 iniciei o ensino superior no curso do FIEI - Formação Intercultural para Educadores Indígenas na UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais concluindo no ano de 2019, sou professor na escola estadual indígena Manykã da aldeia riacho do brejo.